

## Crianças, Guerra e Terrorismo

JOÃO GOMES-PEDRO

A evidência científica actual sobre os efeitos da violência crónica sobre crianças mostra que, de um modo geral, um grande número de crianças consegue adaptar-se a um ou dois factores de risco major, nas suas vidas.

Os problemas surgem, potenciados, quando se acumulam factores de risco, sendo, então, notória, a expressão dos efeitos no desenvolvimento.

Curioso é assinalar que não só as crianças mas também professores e educadores que trabalham em zonas de alta violência se sentem traumatizados em função da sua exposição continuada a um envolvimento de agressão e de ansiedade.

Sabemos que a criança acredita (tal como se fizesse parte do seu mundo real) em todo o fantástico que o adulto identifica como abstracções dum mundo imaginário.

Esta evidência amplia a vulnerabilidade infantil e o espectro das suas sensações expressas no auto sentimento de perigo.

Os lobos na cave, os monstros no telhado, os ladrões que vão assaltar a casa, já por si são realidades pesadas que, quando da guerra ou de outras violências envolventes, somam-se a muitos outros factores de risco determinando o que se conhece como trauma.

O trauma, qual onda que faz transbordar uma superfície aquática, surge na sua incidência plena quando a criança não consegue dar significado às suas experiências de risco independentemente da fenomenologia do seu imaginário.

A definição de stress pós-traumático ("PTSD") envolve toda e qualquer experiência enquanto ameaça que surge num enquadramento que ultrapassa as experiências entendidas como "normais".

O perigo crónico continuado explica, para além do pavor ou medo implícitos à violência *per si*, toda a problemática da adaptação.

É neste particular que desempenha um papel predominante, o adulto, especialmente o significativo, enquanto fornecedor de reservatórios de tolerância e da capacidade de "entender" o absurdo, constituindo, assim, um determinante de resiliência em cada criança.

O adulto funciona como um mediador do entendimento que a criança faz do acontecimento traumático.

A tolerância / intolerância, o controlo / descontrolo, o tolerável / hostil são confrontações que a criança faz, classificando, entretanto, o que o seu sentimento ajuíza.

Na experiência de vários autores, há muitas similitudes entre os mecanismos do stress e do trauma das crianças e jovens que vivem um envolvimento de guerra ou de terror e aqueles que, por exemplo, nas cidades ou em instituições, existem em crianças sujeitas a um ambiente de desrespeito, de abuso ou de violência, de modo crónico.

Tanto num envolvimento como no outro não existe oportunidade de controlo por parte da criança, sendo sempre desesperante a ameaça de morte.

Tanto num envolvimento como no outro, as mães ou não existem ou co-partilham o ambiente de violência de modo desesperado sendo prevalente a depressão numa grande maioria das mulheres confrontadas.

Tanto num como noutro envolvimento, as situações de violência predis põem para a negligência face à criança.

Também tanto num como no outro envolvimento, as crianças não constroem o seu sentido de coerência, não constroem planos de futuro e, destas lacunas, decorrem depressão, raiva e desrespeito pelos valores e pela vida, tanto sua como da dos outros.

Esta é a realidade.

A experiência da violência distorce os valores da criança.

A solução para a violência na criança está na prevenção que passa por uma educação de tolerância, pela elaboração atempada de uma vocação para a empatia, para o respeito das diferenças e dos valores morais das pessoas e das sociedades.

A família é o reduto central para estes valores educativos e, quando ela falta ou está destruída como acontece na guerra, são os eventuais substitutos parentais ou as organizações internacionais que têm de garantir redutos de paz para as crianças onde elas possam estar protegidas e defendidas física e moralmente enquanto durarem as hostilidades ou as ameaças.

Outro enorme desafio diz respeito às intervenções no pós-guerra ou no pós-terrorismo.

É necessário avaliar todos os efeitos da guerra nos bebés, nos jovens e nas famílias.

É preciso identificar os impactos na saúde, na educação e na organização familiar.

É preciso identificar os órfãos, os desalojados, os deslocados e isolados, é preciso avaliar as expressões do stress pós-traumático, as depressões, os efeitos da violência nas cidades maiores, designadamente projectados na delinquência, no abandono, nos meninos da rua, e em todas as outras evidências que compõem o ciclo da adversidade.

Simultaneamente ao estudo dos efeitos, premente é iniciar uma intervenção consequente.

Tanto nos orfanatos como nas comunidades ou nas instituições que apoiam os efeitos da violência na criança, é necessário fazer a avaliação global do pós-trauma psicológico, social e físico. A estas avaliações deverão corresponder intervenções profiláticas a serem executadas por equipas pluridisciplinares e especializadas de modo a garantir uma recuperação atempada dos estados de stress pós-traumático, viabilizando o encaminhamento possível para uma recuperação adequada com meios protectores e seguros, preferencialmente personalizados.